

Educação ambiental e correntes epistemológicas: análise dos parques nacionais da Região Sudeste do Brasil

Amanda Lorena Assis Ferraz¹, Natália Oliveira Dias², Thallita Mayra Soares Fernandes³ e Wanderley Jorge da Silveira Júnior⁴

¹Escola Estadual Deputado Patrus de Sousa. Rua Baronesa de Santa Cecília, 146. Garças. Carandaí-MG, Brasil (CEP 36280-000). Escola Estadual Coronel Alcides Dutra. Rua Manoel Messias de Souza Lima, 101. Centro. Cristiano Otoni-MG, Brasil (CEP 36426-000).

²Universidade Federal de São João del-Rei. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Campus Tancredo Neves. Avenida Visconde do Rio Preto, S/Nº, Sala 3.06 RE. São João del-Rei-MG, Brasil (CEP 36301-360). E-mail: nataliaod@yahoo.com.br.

³Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação stricto sensu em Letras. Área de Estudos de Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Rua São Francisco Xavier, 524, Sala 11.144, Bloco F. Maracanã. Rio de Janeiro-RJ, Brasil (CEP 20559-900).

⁴Universidade Federal de Lavras. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal. Caixa Postal 3037. Lavras-MG, Brasil (CEP 37200-000).

Resumo. O presente trabalho teve por objetivo analisar quais correntes epistemológicas influenciam as ações, atividades, projetos e programas de educação ambiental nos parques nacionais da Região Sudeste do Brasil. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre artigos científicos que abordaram este contexto, bem como foram verificados como os planos de manejo destas unidades norteiam a educação ambiental. Os dados foram analisados após o estudo das 15 correntes político-ideológicas sobre educação ambiental. Concluiu-se que são escassos projetos sobre a temática e que existe uma bipolarização entre as correntes conservadora e crítica, em detrimento das outras 13, perdendo-se assim a oportunidade de desenvolver projetos que atendam as especificidades locais.

Palavras-chave: Educação; Áreas protegidas; Conservação da Natureza.

Abstract. *Environmental education and epistemological currents: Analysis of national parks in the Southeast Region of Brazil.* This study aimed to analyze what epistemological currents have influence in the environmental education actions,

Recebido
29/03/2020

Aceito
28/04/2020

Publicado
30/04/2020



Acesso aberto



activities, projects, and programs in Brazilian national parks in the Southeast Region. For this purpose a bibliographic review on scientific articles that addressed this context was carried out, and were verified how the management plans of these units guides the environmental education. The data were analyzed after studying the fifteen political-ideological policies currents on environmental education. It was concluded that the projects on the theme are scarce, and that there is a bipolarization between the conservative and critical currents in detriment of the other thirteen, thus leading to the loose of opportunity to develop projects that meet local specificities.

Keywords: Education; Protected areas; Nature conservation.

ORCID

 0000-0002-5215-4023
Amanda Lorena Assis Ferraz

 0000-0001-7156-4311
Natália Oliveira Dias

 0000-0001-7279-8814
Thallita Mayra Soares Fernandes

 0000-0003-0521-8546
Wanderley Jorge da Silveira Júnior

Introdução

As áreas protegidas são territórios definidos e administrados com o objetivo de conservar a biodiversidade, seus traços históricos e culturais. Em sua gênese, eram estas áreas eram criadas a partir da preocupação em proteger locais em processo de degradação. No Brasil, o termo unidade de conservação é utilizado para designar as categorias de áreas protegidas descritas na Lei nº 9.985/2000 (Brasil, 2000), que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), do qual fazem parte também os parques nacionais (PARNAs), objeto de estudo desta pesquisa. Este tipo de unidade de conservação compõe o grupo de proteção integral, que tem como objetivo a preservação dos ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e de beleza cênica, categoria que melhor se enquadra para trabalhos e atividades de educação e interpretação ambiental de acordo com o SNUC (Brasil, 2000).

Segundo o Cadastro Nacional de Unidades de Conservação (MMA, 2019), existem atualmente 74 parques nacionais no Brasil, das quais 12 encontram-se na Região Sudeste do país. Tais parques são administrados pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Pelo motivo de sua criação pertencer ao âmbito federal, e apesar de pertencerem a uma mesma região, cada parque possui particularidades que os diferenciam, como as características biológicas, geográficas, econômicas e socioculturais, o que implica na necessidade de intervenções específicas para o desenvolvimento da educação ambiental.

Segundo o art. 1º, da Lei nº 9.795/1999, que dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (Brasil, 1999):

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Brasil, 1999).

Niefer (2002) aponta, nesse sentido, que os visitantes de unidade de conservação, por consequência dos Parques, podem vir a auxiliar na conservação da própria unidade quando existem estratégias de manejo adequadas para seus visitantes. Em condescendência a tais pensamentos, temos ainda as correntes epistemológicas da educação ambiental, criadas a fim de facilitar a direção em que a educação deve ser aplicada, uma vez que cada uma delas possui suas características próprias, compartilhar pequenas similaridades ou proximidades na reflexão ou proposta educacional.

Assim, o presente trabalho teve como objetivo analisar quais correntes epistemológicas influenciam as ações, atividades, projetos e programas de educação ambiental dos parques nacionais brasileiros da região sudeste, com o intuito de compreender como a educação é desenvolvida.

Referencial teórico

No Brasil, as unidades de conservação são divididas por suas propriedades específicas. Existem dois grupos, de acordo com o art. 7º, do SNUC, unidades de proteção integral, que abrange as categorias onde se preservem a natureza e admitam somente o uso indireto dos recursos naturais, e as unidades de uso sustentável, que compatibiliza a conservação da natureza, com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais (Brasil, 2000).

Os parques nacionais (PARNA) enquadram-se na categoria de proteção integral, definida pelo art. 11, da Lei nº 9.985/2000 e têm como objetivo básico:

Preservar ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

Assim, a educação ambiental faz parte do propósito definido pelos PARNAs, o qual compreende o fortalecimento de ações institucionais que promovam a qualificação da participação social na gestão e desenvolvam a sociobiodiversidade (Brasil, 2000).

Tabela 1. Parques Nacionais da Região Sudeste brasileira. Apresenta localização estadual, bioma predominante, data de criação e a existência de plano de manejo.

Nome da UC	UF	Bioma	Data de criação	Plano de Manejo
PARNA do Itatiaia	MG, RJ	Mata Atlântica	14/06/1937	Não
PARNA da Serra dos Órgãos	RJ	Mata Atlântica	30/11/1939	Sim
PARNA do Caparó	ES, MG	Mata Atlântica	24/05/1961	Sim
PARNA da Tijuca	RJ	Mata Atlântica	06/07/1961	Sim
PARNA da Serra de Bocaina	RJ, SP	Mata Atlântica, Marinho	04/02/1971	Sim
PARNA Serra da Canastra	MG	Cerrado	03/04/1972	Sim
PARNA da Serra do Cipó	MG	Cerrado	25/09/1984	Sim
PARNA Grande Sertão Veredas	MG	Cerrado	12/04/1989	Sim
PARNA Restinga de Jurubatiba	RJ	Mata Atlântica, Marinho	29/04/1998	Sim
PARNA Cavernas do Peruaçu	MG	Caatinga, Cerrado	21/09/1999	Não
PARNA das Sempre Vivas	MG	Cerrado	13/12/2002	Sim
PARNA da Serra da Gandarela	MG	Mata Atlântica	13/10/2014	Não

Fonte: MMA (2019).

São 12 parques nacionais que estão localizados na região sudeste (Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo) e entre eles existem alguns que se localizam em mais de um estado, e portanto, possuem grandes variações de biomas entre si, segundo o Cadastro Nacional de Unidades de Conservação (MMA, 2019).

Tais Parques foram escolhidos por estarem localizados na região central do país, todos abertos à visitação (apenas com a observação para o PARNA das Sempre Vivas que está aberto, mas em processo de estruturação do uso público), e principalmente por incluírem alguns dos PARNAs mais visitados no Brasil, como o da Tijuca, Serra dos Órgãos e Itatiaia (MMA, 2019). A Tabela 1 apresenta os parques nacionais da região sudeste em sua localização, bioma, criação, e a existência de plano de manejo.

A educação ambiental pode ser encontrada no ensino formal e não-formal. Na primeira circunstância ela é desenvolvida nos currículos escolares em todos os níveis e modalidades de ensino. Já a educação ambiental não-formal incentiva práticas e ações educativas fora do ambiente escolar, buscando a melhoria da qualidade ambiental e inclui a sensibilização da sociedade para a importância das unidades de conservação.

Para Quintas (2004), a educação ambiental deve proporcionar as condições para o desenvolvimento das capacidades necessárias, para que os grupos sociais, em diferentes contextos socioambientais do país, intervenham de modo qualificado tanto na gestão do uso dos recursos ambientais quanto na concepção e aplicação de decisões que afetam a qualidade do ambiente, seja natural ou construído. Ou seja, a educação ambiental atua como instrumento de participação e controle social na gestão ambiental pública.

Dentro dos parques, o objetivo da educação ambiental é mudar a atuação das pessoas em relação à natureza. Deve acarretar, como resultado, a sabedoria e o discernimento nas ações, a fim de assegurar a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento socioambiental.

Atualmente, as atividades ecológicas ou ambientais são tratadas como Educação Ambiental, fato que desconsidera o objetivo específico desta, cuja fundamentação consiste em repensar o estilo de vida da humanidade, com o propósito de construir uma consciência crítica das relações sociedade-Natureza dentro de uma visão de mudança global, do modo de vida das sociedades e de sua estrutura (Loureiro, 2002).

Lima (2002) aponta que ao observar-se atentamente o diverso e múltiplo campo da educação ambiental, pode-se perceber que as aparências escondem diferenças sutis e essenciais com relação aos meios e, sobretudo, às finalidades da educação ambiental. Portanto, a definição epistemológica relacionada ao presente estudo refere-se à reflexão diante da natureza, o conhecimento e as relações entre o sujeito e o objeto.

Adjunta a esta reflexão, Layrargues (2004) propõe as correntes conservadora e emancipatória, para auxiliar na identificação dos objetivos da educação ambiental. A primeira está relacionada à conservação da atual estrutura social, com todos as suas características e valores econômicos, políticos, éticos e culturais. A segunda, a emancipatória, é definida pelo compromisso de transformação da ordem social vigente, de renovação plural da sociedade e de sua relação com o meio ambiente.

De acordo com Sauvé (2005), quando se aborda o campo da educa o ambiental, preocupando-se com o meio ambiente e a rela o com a educa o, adota-se de modo subjetivo a forma de conceber e praticar a a o educativa. E partindo desta dificuldade e diversifica o de conceitos, surgem a partir das correntes conservadora e emancipatória, as correntes epistemológicas como ferramentas de análise para conduzir e auxiliar as explora es pedagógicas que podem ser trabalhadas, inclusive nos PARNAs, de acordo com a realidade de cada um, assim como as já citadas por Lima (2002).

Ainda segundo Sauvé (2005), são 15 as correntes em educa o ambiental, algumas mais antigas que predominaram nas primeiras décadas de educa o ambiental (os anos de 1970 e 1980), outras que correspondem a preocupa es que surgiram recentemente. Dentro das correntes mais antigas, tem-se a naturalista, a conservacionista/recursista, a

resolutiva, a sistêmica, a científica, a humanista, a moral/ética. Dentre as mais atuais: a holística, a biorregionalista, a prático, a crítica, a feminista, a etnográfica, a ecoeducação e a sustentabilidade. Ambas foram desenvolvidas para permitir a flexibilidade nas intervenções pedagógicas de acordo com cada realidade.

A Tabela 2 apresenta resumidamente as diferentes correntes epistemológicas, a concepção dominante do meio ambiente, principal objetivo educativo, enfoque e estratégias dominantes e exemplos de estratégias.

Tabela 2. Correntes da educação ambiental, organizadas conforme a concepção do meio, objetivos, enfoques dominantes e as estratégias utilizadas.

Correntes	Concepções do meio	Objetivos da educação ambiental	Enfoques dominantes	Exemplos de estratégias
Naturalista	Natureza	Reconstruir uma ligação com a natureza	Sensorial Experiencial Afetivo Cognitivo Criativo/Estético	Imersão; Interpretação; jogos sensoriais, atividades de descoberta.
Conservacionista/ recursista	Recurso	Adotar comportamentos de conservação. Desenvolver habilidades relativas à gestão ambiental	Cognitivo Pragmático	Guia ou código de comportamentos; Projeto de gestão/conservação.
Resolutiva	Problema	Desenvolver habilidades de resolução de problemas (RP): do diagnóstico à ação.	Cognitivo Pragmático	Estudos de casos: análise de situações problema; experiência de RP associada a um projeto.
Sistêmica	Sistema	Desenvolver o pensamento sistêmico: análise e síntese para uma visão global. Compreender as realidades ambientais, tendo em vista decisões apropriadas.	Cognitivo	Estudo de casos: análise de sistemas ambientais.
Científica	Objeto de estudos	Adquirir conhecimentos em ciências ambientais. Desenvolver habilidades relativas à experiência científica	Cognitivo Experimental	Estudo de fenômenos: observação demonstração; experimentação; atividade de pesquisa hipotético-dedutiva.

Tabela 2. Continuação.

Correntes	Concepções do meio	Objetivos da educação ambiental	Enfoques dominantes	Exemplos de estratégias
Humanista	Meio de vida	Conhecer seu meio de vida e conhecer-se melhor em relação a ele. Desenvolver um sentimento de pertença.	Sensorial Cognitivo Afetivo Experimental Criativo/Estético	Estudo do meio; Itinerário ambiental; leitura de paisagem.
Moral/ética	Objeto de valores	Dar prova de ecocivismo. Desenvolver um sistema ético.	Cognitivo Afetivo Moral	Análise de valores; definição de valores; crítica de valores sociais.
Holística	Total Todo O Ser	Desenvolver as múltiplas dimensões de seu ser em interação com o conjunto de dimensões do meio ambiente. Desenvolver um conhecimento "orgânico" do mundo e um atuar participativo em e com o meio ambiente.	Holístico Orgânico Intuitivo Criativo	Exploração livre; visualização, oficinas de criação; integração de estratégias complementares.
Biorregionalista	Lugar de pertença; Projeto comunitário	Desenvolver competências em ecodesenvolvimento comunitário, local ou regional.	Cognitivo Afetivo Experiencial Pragmático Criativo	Exploração do meio Projeto comunitário Criação de ecoempresas
Prática	Ação/reflexão	Aprender em, para e pela ação. Desenvolver competências de reflexão.	Prático	Pesquisa-ação
Crítica	Objeto de transformação, Lugar de emancipação	Desconstruir as realidades sócioambientais visando a transformar o que causa problemas.	Prático Reflexivo Dialogístico	Análise de discurso; estudo de caso; debates; pesquisa-ação
Feminista	Objeto de solicitude	Integrar os valores feministas à relação com o meio ambiente.	Intuitivo Afetivo Simbólico Espiritual Criativo/Estético	Estudos de casos; imersão; oficinas de criação; atividade de intercâmbio, de comunicação.

Tabela 2. Continuação.

Correntes	Concepções do meio	Objetivos da educação ambiental	Enfoques dominantes	Exemplos de estratégias
Etnográfica	Território Lugar de identidade Natureza/ Cultura	Reconhecer a estreita ligação entre natureza e cultura. Aclarar sua própria cosmologia. Valorizar a dimensão cultural de sua relação com o meio ambiente.	Experiencial Intuitivo Afetivo Simbólico Espiritual Criativo/Estético	Contos, narrações e lendas; estudos de caso; imersão; camaradagem.
Ecoeducação	Pólo de interação para a formação pessoal	Experimentar o meio ambiente para experimentar-se e formar-se em e pelo meio ambiente. Construir sua relação com o mundo, com outros seres que não sejam humanos.	Experiencial Sensorial Intuitivo Afetivo Simbólico Criativo	Relato de vida; imersão; exploração Introspecção; escuta sensível; alternância subjetiva/objetiva; brincadeiras
Sustentação e da sustentabilidade	Recursos para o desenvolvimento econômico e compartilhados	Promover um desenvolvimento econômico respeitoso dos aspectos sociais e do meio ambiente. Contribuir para esse desenvolvimento.	Pragmático Cognitivo	Estudo de casos; Experiência de resolução de problemas; projeto de desenvolvimento de sustentação e sustentável.

Fonte: Adaptado de Sauvé (2005).

Materiais e métodos

Neste estudo, a coleta e análise dos dados foram realizadas por meio de metodologias qualitativas, das quais se utilizou revisão bibliográfica de artigos científicos a partir de 1999 (ano da cria o da Política Nacional de Educa o Ambiental no Brasil), que abrangem e discutem educa o ambiental em parques nacionais e documentos oficiais destas Unidades e que possibilitou identificar as correntes epistemológicas adotadas nesta tipologia de unidades de conserva o. Para tanto, a pesquisa foi dividida em três etapas.

Na primeira, foi realizada revisão bibliográfica em livros e artigos científicos sobre as 15 correntes epistemológicas apontadas por Sauvé (2005).

Na segunda, foram investigados nas plataformas científicas Google Scholar, Scielo e Periódicos CAPES artigos publicados a partir de 1999 que versam sobre programas, projetos, a es e atividades de educa o ambiental realizadas pelos parques nacionais. Para tal fim, utilizou-se os seguintes grupos de palavras-chave: Educa o Ambiental, Parque Nacional e Brasil. Com o intuito de ampliar a abrangência dos resultados, as palavras-chave foram traduzidas para o inglês e têm pesquissadas, Enviromental

education; National Park; Brazil. Documentos identificados nos sites oficiais das unidades que continham informações sobre a educação ambiental, também foram utilizados.

A terceira e última etapa compreendeu a verificação dos dados extraídos após as pesquisas e a assimilação dos projetos e atividades de educação ambiental realizados nos parques nacionais da região sudeste do Brasil, consideradas sob a leitura das correntes propostas por Sauvé (2005). Ao final da análise, foi possível identificar quais delas mais norteiam a educa o ambiental nestes parques nacionais, e se elas fazem parte da polariza o conservadora ou emancipatória. Posteriormente, foram discutidos os pontos positivos e negativos do desenvolvimento da educa o ambiental.

Resultados

Os resultados foram separados em duas partes de acordo com as fontes de pesquisa bibliográfica. A primeira parte apresenta as informa es coletadas em artigos científicos, revistas, periódicos e sites oficiais. A segunda, reúne as informa es provenientes dos planos de manejo dos PARNAs junto às informa es dos sites do ICMBio.

Essa separa o foi feita a fim de facilitar o entendimento dos resultados e viabilizar uma possível compara o de informa es que podem ser significativas para estudos posteriores. Com a pesquisa bibliográfica em artigos, foi criado um espaço amostral de 21 textos científicos para a identifica o das correntes em educa o ambiental, que são apresentados resumidamente na Tabela 3, na qual constam quantos trabalhos foram encontrados sobre cada parque, seus respectivos autores e a identifica o das correntes de cada um deles. Ainda na tabela, estão os dados coletados sobre os sites oficiais a respeito da educa o ambiental.

Tabela 3. Resumo dos dados obtidos na primeira etapa da pesquisa bibliográfica realizada em artigos e sites oficiais.

PARNA	Artigo	Corrente	Site oficial	Informa�es sobre a educa�o ambiental realizada
Caparaó	Torres e Cosenza (2017) Padoan (2015) Ribeiro (2008)	1. Relata não existir educa�o ambiental no parque 2. Conservacionista 3. Crítica	Não possui	Não possui
Cavidade do Peruaçu	Não possui artigos relacionados ao tema	-	Não possui	Não possui
Gandarela	Não possui artigos relacionados ao tema	-	Não possui	Não possui
Itatiaia	Almeida e Costa (2017) Oliveira et al., (2015) Barros (2003) �vila (2001)	1. Naturalista 2. Conservacionista 3. Crítica 4. Conservacionista	Não possui	Não possui
Restinga de Jurubatiba	Botelho (2018) Costa et al. (2015) Farjalla et al. (2011) Fuentes et al. (2011) Vainer (2010)	1. Crítica 2. Crítica 3. Conservacionista 4. Crítica 5. Conservacionista	Possui	Não possui

Tabela 3. Continuação.

PARNA	Artigo	Corrente	Site oficial	Informações sobre a educação ambiental realizada
Sempre Vivas	Não possui artigos relacionados ao tema	-	Não possui	Não possui
Serra da Canastra	Rocha et al. (2018)	1. Conservacionista	Possui	Não possui
Serra de Bocaina	Conti et al. (2011)	1. Crítica	Não possui	Não possui
Serra do Cipó	Campos e Filetto (2011) Campos et al. (2011) Sato (2007)	1. Relata não existir educação ambiental no parque 2. Crítica 3. Naturalista/Crítica	Não possui	Não possui
Serra dos Órgãos	Santos et al. (2007)	1. Crítica	Possui	Não possui
Sertão Veredas	Não possui artigos relacionados ao tema	-	Não possui	Não possui
Tijuca	Rocha et al. (2017) Góes et al. (2016) Almeida et al. (2013)	1. Holística 2. Prática/Holística 3. Conservacionista	Possui	Não possui

Já com a pesquisa sobre planos de manejo, foi verificada a existência de projetos e atividades de educação ambiental em alguns parques, os quais são mostrados resumidamente na Tabela 4, na qual se especifica em quais parques existem e quais são desenvolvidos. A tabela também exibe as informações adquiridas por meio do site ICMBio, no qual apenas o PARNA do Caparaó evidenciou os quatro projetos, sendo eles o Projeto Doces Matas, Projeto Comunidade Aprendizagem, Consórcio Capixaba dos Municípios Vizinhos ao Parque e outras atividades dos municípios do entorno. Contudo, é importante ressaltar a dificuldade em encontrar dados sobre os projetos realizados pelos parques quando a educação ambiental está envolvida.

Tabela 4. Resumo dos dados obtidos na segunda etapa da pesquisa bibliográfica referente aos Planos de Manejo e site do ICMBio.

PARNA	Informações nas Fichas Técnicas dos Planos de Manejo	Site ICMBio	Correntes identificadas
Caparaó	Realiza atividades pontuais, principalmente em escolas locais	4 projetos de educação ambiental	Conservacionista
Caverna do Peruaçu	Não possuem educação ambiental	Não possui projetos de educação ambiental	Não possui
Gandarela	Não possui Plano de Manejo	Não possui projetos de educação ambiental	Não possui

Tabela 4. Continuação.

PARNA	Informações nas Fichas Técnicas dos Planos de Manejo	Site ICMBio	Correntes identificadas
Itatiaia	Principal projeto é o Programa de Visitas Orientadas, existem mais projetos em parceria com o MMA	Possui a informação do Plano de Manejo	Crítica
Restinga de Jurubatiba	Insuficiente, uma das poucas atividades realizadas é o Projeto Ecolagoas em salas de aula	Possui a informação do Plano de Manejo	Conservacionista
Sempre Vivas	Não possuem educação ambiental	Possui a informação do Plano de Manejo	Não possui
Serra da Canastra	Possui, mas sem programação	Possui a informação do Plano de Manejo	Não possui
Serra de Bocaina	Incipiente	Possui a informação do Plano de Manejo	Não possui
Serra do Cipó	Existe, de forma assistemática	Possui a informação do Plano de Manejo	Não possui
Serra dos Órgãos	Projeto Cenário Verde voltados para as escolas locais e Projeto Boa Vizinhança desenvolvendo relação do parque com a comunidade	Possui encontros de educação ambiental	Conservacionista
Sertão Veredas	educação ambiental em andamento, abrange as escolas, moradores e agricultores locais	Possui a informação do Plano de Manejo	Conservacionista
Tijuca	Projetos de integração com escolas e comunidades do entorno; cursos de educação ambiental para servidores e agentes multiplicadores; palestras, seminários e ventos dirigidos aos usuários e visitantes	Possui a informação do Plano de Manejo	Crítica

Discussão

A pesquisa bibliográfica apontou 21 artigos, dos quais 19 puderam ter suas correntes identificadas. Os estudos correspondem ao período de 2001 a 2018, ou seja, 17 anos. A relação dos artigos em escala temporal mostra certa deficiência de atividades e ações de educação ambiental e de pesquisas realizadas sobre educação ambiental nos Parques, já que a educação ambiental é uma atividade prevista nos objetivos desta categoria de UC (Brasil, 2000) e é de fundamental importância para a conservação da

biodiversidade. Conforme apontado por Rodrigues e Nascimento (2016), é uma ferramenta para estabelecer um novo conhecimento, um novo pensamento, capaz enfrentar os desafios socioambientais provenientes do saber e da ciência empregados pelo paradigma dominante.

Este resultado demonstra que poucas correntes são utilizadas, pois são 15 as listadas por Sauvé (2005). Neste sentido, esperava-se certa heterogeneidade, caso os Parques adotassem as concep es associadas às suas características e peculiaridades. Contudo elas se encaixam na polariza o discutida por Lima (2002), dado que apontam as correntes Conservadora e Crítica como as norteadoras das a es e projetos de educa o ambiental nos Parques.

Os resultados das identifica es das correntes demonstraram que 36,8% (7) artigos foram definidos como conservacionistas, e a corrente crítica foi identificada em dos 42,1% (8) dos artigos. Na primeira, o objetivo principal   desenvolver habilidades relativas   gestão ambiental e na segunda,   desconstruir as realidades socioambientais sob a inten o de transformar o que causa problemas, bem como visa a sensibilizar as pessoas sobre as áreas protegidas (Sauvé, 2005).

Esses resultados demonstraram que a polariza o deve-se ao fato das correntes conservacionista e crítica estarem alinhadas respectivamente às macrotend ncias, conservadora e emancipatória, ambas pontuadas por Lima (2002). Todavia, os parques, ao investirem em a es, projetos e atividades norteados pelas concep es conservadora de educa o ambiental, excluem as pessoas do processo de conserva o, pois a baixa participa o e representa o social marcam esta corrente epistemológica (Lima, 2002).

Ao contrário, a educa o ambiental crítica/emancipatória promoveria a es de autonomia e transforma o sobre aspectos negativos existentes, como aponta Loureiro (2002), uma vez que seu propósito   estabelecer uma consciência crítica sobre as rela es entre Sociedade-Natureza e promover mudanças de acordo com a realidade de vida e organiza o social.

A corrente naturalista que atua em reconstruir um vínculo com a natureza a partir de experiências sensoriais e cognitivas (sauv , 2005), teve um reconhecimento de 5,3% (1) dos artigos. Com a mesma porcentagem ficou a corrente holística (1 artigo), que segundo Sauvé (2005), opera em várias extensões do ser relacionadas às diversas extensões do meio ambiente através de uma explora o livre e criativa e mecanismos complementares. No restante dos artigos houve a identifica o de mais de uma corrente nos trabalhos e projetos de educa o ambiental nesses Parques, divididos em Naturalista/Crítica com 5,3% (1) e Prática/Holística também com 5,3% (1), totalizando 10,5% (2) dos artigos.   necessário recordar que a corrente prática atua com a o/reflexão, ou seja, aprende com as a es e reflexões de suas práticas, para garantir resolutividade (Sauvé, 2005).

Os resultados da avalia o dos planos de manejo e sites oficiais apontaram falta de atualiza o ou até mesmo falta de planejamento da educa o ambiental, pois dos 12 pesquisados 66,6% (8) evidenciaram a existência da educa o ambiental em seus planos de manejo, mas apenas metade (6) relatou quais são os projetos atuantes. Também nos planos de manejo, foi observada a polariza o já identificada nas pesquisas publicadas. Neste caso, se destaca a corrente conservacionista, pois 33,3% (4) dos Parques adotam projetos Conservacionistas enquanto 16,6% (2) possuem projetos pautados pela educa o ambiental Crítica/emancipatória. Em sites do ICMBio, as informa es sobre projetos em Educa o ambiental foram escassas, pois se declara a presença apenas nos PARNAs do Caparaó, com quatro projetos, e Serra dos órgãos, com um projeto. Todos eles baseados em concep es Conservacionistas.

Em suma,   perceptível a insuficiência de programas e projetos de educa o ambiental, o que afeta diretamente a conserva o dos Parques. A polariza o entre as correntes conservadora e crítica priva as unidades das oportunidades técnicas e

metodológicas das outras 13 concepções identificadas por Sauvé (2005). Assim, os parques que desenvolvem a educa o ambiental privam-se da possibilidade de ampliar as oportunidades de sensibilizar e incluir as pessoas nos processos que marcam a conserva o *in situ*, pois prevalece o uso de técnicas e metodologias conservadoras que não anseiam a transforma o da realidade vigente, ao contrário, reforçam a dicotomia entre sociedade e natureza. E assim, ameaçam os próprios objetivos conservacionistas.

Conclusões

Ao analisar as a es, atividades, projetos e programas de educa o realizados nos parques nacionais da região sudeste do Brasil, verificou-se que a ausência de a es e projetos nas unidades   uma realidade, e onde ocorrem, são incipientes. Existe uma polariza o entre as correntes conservacionista e crítica. Todavia, a primeira possui uma presença hegem nica, enquanto as naturalista, pr xica e holística, ocorrem de forma muito reduzida.

Este estudo aponta para a urgente necessidade de mais a es, projetos e atividades de educa o ambiental nos parques. Entretanto, para que o processo de conserva o aconteça de forma efetiva,   fundamental que esta amplia o aconteça a partir do entendimento de todos os envolvidos sobre as amplas e férteis possibilidades de educa o ambiental disponíveis há décadas. Neste sentido,   prudente que o poder público, responsável pela gestão dos Parques Nacionais, seja o fomentador ou o responsável por esta capacita o.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Referências

- Almeida, A. C. F.; Costa, N. M. C. Do material ao imaginário: uma análise interpretativa das percep es ambientais dos condutores do Parque Nacional do Itatiaia (RJ). **Revista Brasileira de Educa o Ambiental**, v. 12, n. 2, p. 229-250, 2017. <https://doi.org/10.34024/revbea.2017.v12.2408>
- Almeida, E. S.; Za , A. S.; Machado, A. S.; Oliveira, G. M. A.; Costa, V. G. Bioindicadores de impactos em trilhas em uma unidade de conserva o de prote o integral (PARNA Tijuca), no domínio da Mata Atlântica. Anais do II Congresso Nacionais de Planejamento e Manejo de Trilhas e I Colóquio Brasileiro da Red Latino Americana de Denderismo, Rio de Janeiro, 2013.
-  vila, M. C. A. D. Eficácia da política ambiental em seus aspectos sociais e jurídicos, tomando por base o Parque Nacional do Itatiaia. **Revista Justitia**, v. 63, n. 194, p. 95-109, 2001.
- Barros, M. I. A. **Caracteriza o da visita o, dos visitantes e avalia o dos impactos ecológicos e recreativos do planalto do Parque Nacional do Itatiaia**. São Paulo: USP, 2003. (Disserta o de mestrado).
- Botelho, E. S. **Visita o e turismo em parques nacionais: o caso do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (RJ)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. (Tese de doutorado).

Brasil. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm>. Acesso em: 19 out. 2019.

Brasil. **Lei nº 9.795, 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm>. Acesso em: 30/11/2019.

Campos, R. F.; Filetto, F. Análise do perfil, da percepção ambiental e da qualidade da experiência dos visitantes da Serra do Cipó (MG). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 4, n. 1, p. 69-94, 2011. <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2011.v4.5902>

Campos, R. F.; Vasconcelos, F. C. W.; Félix, L. A. G. A Importância da caracterização dos visitantes nas ações de ecoturismo e educação ambiental do Parque Nacional da Serra do Cipó/MG. **Revista Turismo em Análise**, v. 22, n. 2, p. 397-427, 2011. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v22i2p397-427>

Conti, B. R.; Irving, M. A.; Corrêa, F. V. Ecoturismo e proteção da natureza no Parque Nacional da Serra da Bocaina: o caso da Vila de Trindade (Paraty, RJ). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 4, n. 4, p. 503, 2011. <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2011.v4.5937>

Costa, R. N.; Yu-Ming, J.; Sánchez, C. O encontro do cinema com a educação ambiental crítica no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. Anais do VIII Encontro Pesquisa em Educação Ambiental, 2015.

Farjalla, M. S.; Bozelli, R. L.; Loureiro, C. F. B. Justiça ambiental e reconhecimento: o caso do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. **Revista Floresta e Ambiente**, v. 18, n. 4, p. 460-468, 2011. <https://doi.org/10.4322/floram.2011.065>

Fuentes, N. M. M.; Costa, R. N.; Abreu, T. B.; Ruta, C. Construção de oficinas pedagógicas com a utilização de ferramentas audiovisuais com os moradores do entorno do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2011.

Góes, Y. C. B.; Pin, J. R. O.; Rodrigues, M. B. R. Análise de percepção ambiental de estudantes durante visitas guiadas no Parque Nacional da Tijuca. Anais do V Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade, 2016.

Layrargues, P. P. (Coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

Lima, G. F. C. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: Layrargues, P. P.; Castro, R. S.; Loureiro, C. F. B. (Orgs.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 11-12.

Loureiro, C. F. B. **Educação ambiental crítica: princípios teóricos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Hotbook, 2002.

MMA - Ministério do Meio Ambiente. Cadastro Nacional de Unidades de Conservação - CNUC. 2019. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/images/arquivos/A0_Brasil_600_DPI_02_2019.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2019.

Niefer, I. A. Análise do perfil dos visitantes das Ilhas de Superagui e do Mel: marketing como instrumento para um turismo sustentável. Curitiba: UFPR, 2002. (Tese de doutorado).

Oliveira, M. P.; Ferreira, E.; Ribeiro, M.; Souza, J.; Richter, M. Perfil, percepção e opinião dos visitantes do Parque Nacional do Itatiaia (RJ) em períodos de maior demanda. **Anais do Uso Público em Unidades de Conservação**, v. 3, n. 6, p. 86-96, 2015.

Padoan, L. L. F. Turismo em unidade de conservação: um exercício de imersão no Parque Nacional do Caparaó, MG/ES. **Anais do Uso Público em Unidades de Conservação**, v. 3, n. 6, p. 37-51, 2015.

Quintas, J. S. Educação no processo de gestão ambiental pública: a construção do ato pedagógico. In: Layrargues, P. P. (Coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p.113-140.

Ribeiro, F. N. **Tessituras da educação ambiental na Região do Caparaó Capixaba: a formação dos sujeitos engajados**. Florianópolis: UFSC, 2008. (Dissertação de mestrado).

Rocha, I. L. O.; Carvalho, R. C. R.; Rocha, W. W.; Reis, M. J.; Pires, B. S. Avaliação da aplicação de carga antrópica em uma trilha no Parque Nacional da Serra da Canastra (Estado de Minas Gerais, Brasil). **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 5, n. 9, p. 291-300, 2018. <https://doi.org/10.21438/rbgas.050920>

Rocha, M. O potencial das trilhas ecológicas como instrumento de sensibilização ambiental: o caso do Parque Nacional da Tijuca. **Revista e-Mosaicos**, v. 6, n. 12, p. 81-96, 2017. <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2017.27916>

Rodrigues, J. C. R.; Nascimento, R. S. Saber ambiental, complexidade e educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 11, n. 5, p. 152-165, 2016. <https://doi.org/10.34024/revbea.2016.v11.2363>

Santos, F.; Freire, I.; Brasileiro, R.; Mussi, S. **Conselho consultivo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos: um espaço efetivo de educação ambiental**. Rio de Janeiro: ICMBio, 2007.

Sato, C. S. **Parque Nacional Serra do Cipó, MG: percepção ambiental e estabelecimento de áreas para educação**. São Paulo: USP, 2007. (Tese de doutorado).

Sauvé, L. Uma das cartografias em correntes em educação ambiental. In: Sato, M.; Carvalho, I. C. M. **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17-42.

Torres, R.; Cosenza, B. Avaliação da gestão e sustentabilidade do Parque Nacional do Caparaó (Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, Brasil). **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 4, n. 8, p. 395-417, 2017. <https://doi.org/10.21438/rbgas.040813>

Vainer, A. G. Conflitos ambientais em evidência na criação e manejo de um parque nacional: o caso do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI, 2010.

